

EPIDEMIAS

Pragas naturais ou desassistência?

Enquanto a cólera invade a periferia das grandes cidades, a malária e o sarampo exterminam índios. Castigos da natureza ou falta de assistência do Governo Collor?

A malária voltou a castigar os povos indígenas, principalmente no Mato Grosso, onde a doença reapareceu com grande intensidade, atingindo, em alguns casos, mais da metade da população das aldeias. A coordenação de Saúde do Cimi registrou naquele Estado a ocorrência de 331 casos de malária, com nove óbitos, entre setembro de 1991 e fevereiro de 1992. Por outro lado, no Município de Itamaraty, no sul do Amazonas, houve um surto de sarampo que resultou na morte de 46 Deni e nove Kulina. (Ver matéria ao lado).

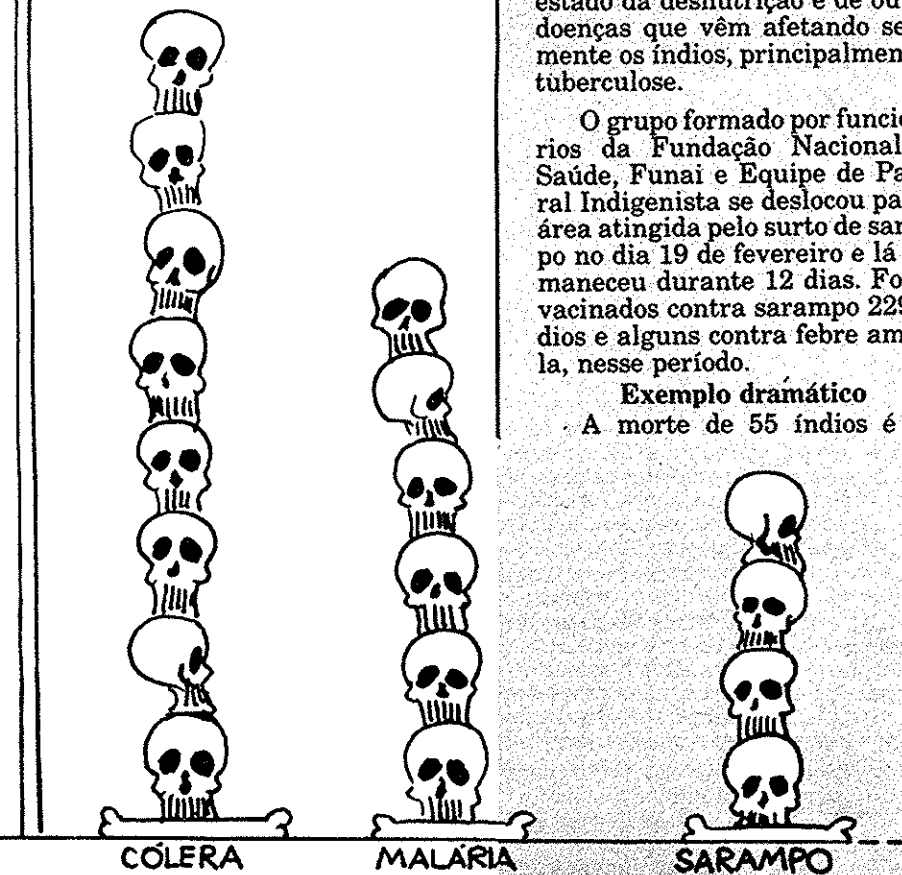
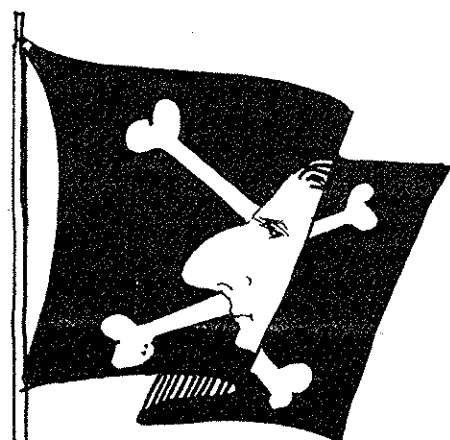
A grande expansão da malária entre os índios do Mato Grosso pode estar relacionada com o crescimento assustador do número de garimpos na região dos Municípios de Jurueña, Castanheira, Juína e Aripuanã. Segundo explicou a coordenadora de Saúde do Cimi, Mirthes Versiani dos Anjos, os garimpos são locais de difícil combate à malária, porque propiciam a proliferação do mosquito transmissor, devido ao grande número de poças de água. Além disso, não possuem construções com paredes sólidas, nas quais o inseticida possa ser borrifado.

Os Mýky, que só eram atingidos pela doença esporadicamente, através de algum índio que mantinha contatos fora da aldeia, registraram nove casos de malária nos últimos meses. Já entre os Kayabi, a doença atingiu 55% da população. Das 206 pessoas do grupo, 113 adoeceram. Porém, não chegou a ocorrer mortes entre eles. Junto aos índios Rikbaktsa, a malária, complicada por doenças como pneumonia, hepatite e um aborto, causou o maior número de óbitos na região. Morreram cinco das 207 pessoas que contraíram a doença. O povo Nambikuara também teve dois casos de malária, sendo que um deles resultou em morte.

Notícias registradas em jornais da grande imprensa no ano passado informaram a ocorrência de 31 casos de malária entre os Guarani-Kaiová da aldeia Ramada, no Município de Tacuru (MS), no mês de junho, havendo suspeitas de contaminação de outras 520 pessoas. Um relatório do Cimi sobre saúde indígena em 1991 traz ainda dados sobre a ocorrência de um surto de malária entre os índios Munduruku no Pará,

que atingiu 40% da população. De outro surto entre os Karajá do Parque Indígena do Araguaia, no Estado do Tocantins, onze índios contraíram a doença e duas pessoas morreram. Também os Waiápi do Estado do Amapá, sofreram um surto de malária no ano passado. A doença foi trazida pela invasão de garimpeiros no rio Amapari, na região da Serra do Navio.

Patrícia Saldanha



Sarampo mata Deni e Kulina no Sul do Amazonas

Quarenta e seis índios Deni e nove Kulina morreram nos últimos dois meses em consequência de um surto de sarampo que atingiu as aldeias localizadas nos igarapés Mutum, Rezemã e Buturu, afluentes do rio Xerua, no Município de Itamaraty, no sul do Amazonas. A informação foi confirmada por um grupo de pessoas ligadas à Pastoral Indigenista, Funai e Fundação Nacional de Saúde que se deslocou para área no dia 19 de fevereiro passado.

O número de óbitos representa mais de 10% da população indígena daquela área, que é de 359 pessoas, segundo os dados do Censo de 1990. A maioria das mortes atingiu a população situada na faixa etária entre 15 e 25 anos, em maior incidência nas aldeias Buturu, Madeira e Mutum. Quando perceberam a gravidade da situação, outros índios procuraram se refugiar em áreas localizadas nos afluentes do rio Cuniuá, já na bacia do rio Purus.

Um dos membros da equipe de Pastoral Indigenista da cidade de Carauari revelou que o quadro de saúde da população indígena daquela localidade permanece bastante grave em consequência do estado da desnutrição e de outras doenças que vêm afetando seriamente os índios, principalmente a tuberculose.

O grupo formado por funcionários da Fundação Nacional de Saúde, Funai e Equipe de Pastoral Indigenista se deslocou para a área atingida pelo surto de sarampo no dia 19 de fevereiro e lá permaneceu durante 12 dias. Foram vacinados contra sarampo 229 índios e alguns contra febre amarela, nesse período.

Exemplo dramático
A morte de 55 índios é um

exemplo dramático das consequências da exploração e desassistência em que se encontra grande parte dos povos indígenas da Amazônia. Conforme verificaram os integrantes do grupo que partiu para o atendimento e vacinação dos índios Deni e Kulina, o surto de sarampo foi levado àquela região através dos Kulina do rio Erê, que trabalham na extração da madeira a mando do regatão (comerciante e "patrão") Raimundo Lopes, na boca do rio Xerua.

Ainda na primeira quinzena de dezembro, o regatão levou os índios para o local, onde explora ilegalmente a retirada de madeira. Quando perceberam a presença do sarampo, os índios retornaram às suas aldeias, desencadeando o surto da doença. Só em janeiro, a notícia de problemas de saúde entre os índios chegou a Carauari.

A partir dessa informação, os membros da equipe de Pastoral Indigenista procuraram meios de viabilizar o atendimento nas aldeias. A falta de combustível, agravada pela falta de energia elétrica, água e alimentação em Carauari impediu o imediato deslocamento da equipe para a área atingida.

Desde a década de 40, quando foram atingidos pela frente extrativista da borracha, os índios Deni enfrentam uma série de epidemias e de doenças que dizimou a maioria de sua população. Em 1979, a Prelazia de Tefé fez um levantamento da realidade desse povo e constatou, na época, a morte de 80 pessoas vitimadas por tuberculose, doença que atingiu a maioria dos Deni. Apesar do esforço dos missionários no sentido de erradicar a tuberculose, com o tratamento de dezenas de casos em Manaus, Carauari e mesmo nas aldeias, ainda é alto o índice dessa doença.

Agrava, sobremaneira, a situação desse povo a exploração sistemática feita pelos "patrões" ligados ao extrativismo da sorva, borracha e madeira, o que leva a um quadro de desnutrição generalizada e desestruturando a economia de subsistência das aldeias.

J. Rosha - Cimi-Norte I